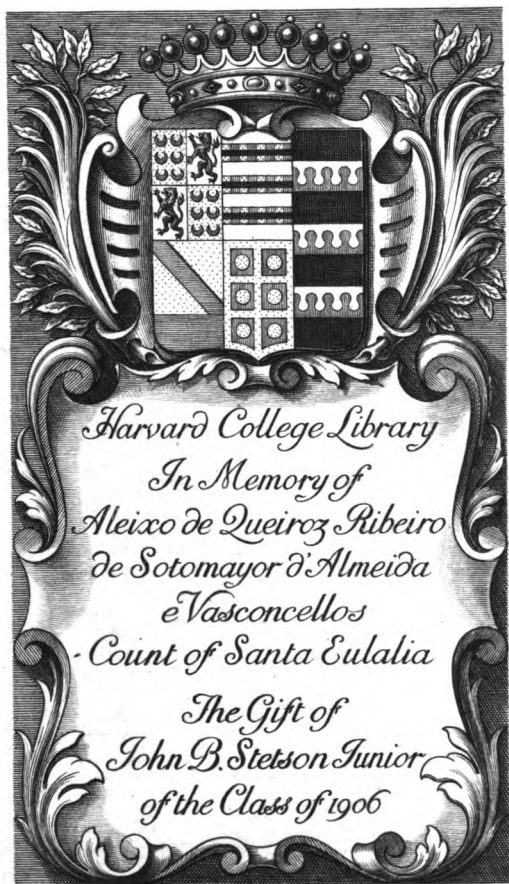


SAL
9164
74.100



SAL 9164.74.100



6 /

A. CORRÊA, *offerece a*

*seu amigo Joaquim P. Fernandes de Carvalho
em 12 de Outubro de 79*

SCENAS DA ROÇA

POEMA DE COSTUMES NACIONAES

RIO DE JANEIRO

TYP. DA GAZETA DE NOTICIAS

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

1879

NOUVEAU & CHEVILLE
22, rue de la Banque
PARIS (TÉLÉPHONE)
*LIVRES ANGLAIS, ALLEMANDS
ITALIENS, ESPAGNOLS, ETC.*
Achat de livres étrangers.

SCENAS DA ROÇA

A. CORRÊA

SCENAS DA ROÇA

POEMA DE COSTUMES NACIONAES



RIO DE JANEIRO
TYP. DA GAZETA DE NOTICIAS
72 RUA SETE DE SETEMBRO 72
1879

SAL 9164.74.100

✓

MARYLAND COLLEGE LIBRARY
COUNTY OF SANTA EULALIA
COLLECTION
JULY OF
1918

OCT 4 1922

AO MEU LIVRO

Vae, filho, já tens idade,
já ficaste emancipado;
precisas correr o mundo,
saber de tudo um bocado.
Vae, filho, mas sê prudente,
ouve os conselhos de gente
que puder te aconselhar;
sê modesto e delicado...
em fallar pouco e acertado
ha sempre muito a ganhar.

Se alguma gloria colheres,
não te ufanes sem razão :
às vezes ouve-se um tolo
por méra contemplação.
Escuta os indifferentes.
Os amigos e os parentes
não dizem toda a verdade.
Agora, no teu caminho,
não te basta o meu carinho
nem toda a minha amizade.

Se ouvires phrases sensatas,
presta-lhes toda a attenção ;
a tolos não dês ouvidos
nem provoques discussão.
Respeita as crenças alheias ;
mas guarda as tuas idéas
e corrige os teus defeitos.
Na escola da sociedade,
estuda , aprende a verdade
nas phrases de seus eleitos.

Vae, filho, Deus te acompanhe.
Das letras no vasto mundo
bem poucos boiam á tóna,
grande parte vai ao fundo.

**Ai! neste momento extremo
é por ti, filho, que eu tremo!
attende aos conselhos meus...
Já são horas da partida;
contigo vae minha vida,
mas parte... vae... filho, adêus.**

•

•

•

CANTO PRIMEIRO

I

Ha quem diga que a franceza
é a mulher por excellencia ;
mil outros dão preferencia
aos requebros da hespanhola :
dizem que ella prende e mata
quando a melena desata
è no fandango arrebatada
ao trinar da castanhola.

As bellas filhas da Italia
tem milhões de adoradores,
lá na patria dos amores
quem dá leis é o coração.
È tudo vida, alegria,
feixes de luz, de harmonia,
ondula em torno a poesia
nesse mar da inspiração.

Eu acho a todas bonitas
quando de veras o são,
quer sejam do Indostão,
d'Allemanha, Italia ou França;
mas p'ra mim a brazileira
d'entre todas é a primeira:
é gentil, é feiticeira
como um sorrir de creança.

As outras guardam comsigo
da velha Europa a imponencia;
estas não, tem a innocencia,
tem o perfume das flores;
captivam pelos encantos
ingenuos puros e santos,
e são, meu Deus, taes e tantos,
que fazem morrer de amores!

Quem póde escutar-lhe as fallas
quando a tremer de receio,
baixando os olhos no enleio
em que a prende o coração,
ella diz corando e rindo:
« Do meu ceu de amor infindo,
« tu és o astro mais lindo
« da maior constellação! » ?

Quem póde conter no peito
o travesso coração ?
quem não sujeita a razão
ao dominio dessas fallas ?
quem não se abraza nos lumes
da mulher que tem perfumes ,
de que as rosas tem ciumes
se vão se encontrar nas salas ?

.....

II

Meu leitor, deixa a cidade e vem comigo
que eu quero te mostrar um quadro bello ;
vem á roça onde o amor é mais sublime,
e tudo quanto é grande mais singelo.

Eu prefiro ás harmonias de uma orchestra,
aos encantos que doudejam nos salões,
a cantiga do tropeiro descuidoso,
ou as trovas amorosas dos sertões.

Ha naquelles improvisos mal rimados ,
e naquella inspiração de cada instante,
a belleza original que parte d'alma
sem arte, mas com fogo delirante.

.....

Elle era um moço bonito
como na côrte não ha,
tinha os olhos e os cabellos
da côr do jacarandá.
Um porte airoso, engraçado,
rapagão desempenado
de metter inveja a cem!
se na estrada elle passava,
a moça que o espiava
lhe ficava querendo bem.

Mas elle guardava firme
no fundo do coração
pela bella Margarida
a mais ardente paixão.
E as moças da visinhança
ao verem sua esquivança
ás festas, se ella não ia,
diziam de enciumadas:
« — Pedro está de azas quebradas;
« pobre moço! quem diria?!

« — E tem só vinte e trez annos
« e alguma cousa de seu!
« vejam só o que é fortuna;
« tão feliz nunca fui eu!
« — E dizem que casa breve!

- « — Eu não sei, mas elle deve
« casar-se p'ra o fim do anno.
« — Que lhe faça bom proveito...
« — E o velho está satisfeito?
« — Pudera não! bem ufano! »

Tal eram os commentarios
que em toda a parte faziam
as moças da vizinhança,
que em festas se reuniam;
mas elle, surdo aos rumores
que faziam seus amores
nas discussões fernenis,
nada via além do encanto
d'aquelle amor puro e santo,
d'aquelles olhos gentis.

Mas quem era a linda moça
a quem Pedro tanto amava?
quem era a virgem formosa
que elle assim idolatrava?
era rica ou pobresinha?
tinha-lhe amor ou não tinha?...
Não é o que queres saber?
lá vamos, leitor querido,
satisfazer teu pedido,
já tudo vamos dizer.

IV

Ella tinha quinze annos; era um anjo
de graça, candidez e de bondade,
e aquelle coração de meiga pomba
amava como se ama nessa idade.

A todos occultava aquelle affecto
que su'alma marchetava de illusões;
dos sonhos côr de rosa que ella tinha
quem pode descrever as emoções?

De manhã apoz a prece fervorosa,
fictados nos do Christo os olhos bellos,
regava o seu canteiro, e de violetas
um raminho prendia entre os cabellos.

•Tomava o seu Balaio de costura,
tirava linha, agulhas e dedal,
e sentava-se a coser o dia inteiro
á sombra da mangueira do quintal.

Ás vezes descuidando seu trabalho,
parada co'o olhar ficto na estrada,
no mar da phantasia, como um cysne,
boiava da corrente á flôr levada.

Tal era a mimosa filha
do velho Simão da Cruz ;
de sua velhice o arrimo,
alegria, vida e luz.
Revia no rosto della
a companheira extremosa,
que lhe deixara, murchando,
o rebentão de outra rosa.

Vio-a crescer sob os olhos ;
estudou-lhe o coração,
e lia nelle os mysterios
d'aquella ardente paixão.
Um dia toma-lhe o braço,
fal-a sentar a seu lado,
e diz-lhe rindo o bom velho:
« Já tens algum namorado? »

Enrubece, treme, ensaia
dizer uma phrase, em vão !
repete o velho a pergunta,
e ella responde « — Não...
« — Não mintas, filha ! não sabes
« que é um peccado mentir ?
« — Perdão meu pai ! — Não perdôo
« a quem me busca illudir. »

Dos bellos olhos da moça
o pranto desce a torrentes,
cujas bagas vão no seio
embeber-se encandescentes.
O velho, ameigando a falla,
apoz miral-a um instante,
lhe torna: « — Vamos! não chores!
« não é Pedro o teu amante?

« Bom rapaz! é de meu gosto...
« já fallou-te em casamento?
« e tu disseste que sim,
« sem o meu consentimento?!
« Como os filhos são ingratos!
« este mundo como vae!
« quem de uma filha os segredos
« guardará melhor que um pai?

« Mas vamos lá! estou por tudo;
« disseste que sim? está dito!...
« fizeste mal em negal-o;
« isto assim não é bonito.
« Não chores, dá-me um abraço!
« será Pedro o teu marido;
« é justo, se o amas tanto....
« se foi o teu preferido....

VI

Estamos em junho, no mez das fogueiras,
do riso, das festas, das sortes, do amor,
das cannas assadas, carás e batatas,
dos jogos de prendas, do fogo em redor.

Quem póde na roça ficar, preguiçoso,
dormindo na rêde, sem ir ao pagode?
se as moças bonitas lá estão feiticeiras
cantando e sorrindo, fugir-lhes quem póde?

VII

Na fazenda do Tymbira
era velha a devoção
de fazer-se grãde festa
em dias de S. João.
O velho Joaquim Medeiros,
que era a flôr dos tazendeiros
d'aquella localidade,
esfregava as mãos contente
quando via em casa gente
a que o prendia a amizade.

D. Olympia, sua esposa,
mãi dos pobres do logar,
tres dias antes da festa
não parava a trabalhar.

Mandava as suas mucamas
dos quartos fazer as camas ,
espanar tudo e varrer ,
e, doceira de bom gosto ,
lá estava firme no posto ,
fazendo o tacho ferver.

Fazia doce de côco ,
laranja, cidra , limão ,
bom-bocado , arroz de leite ,
bolinhos de S. João ,
pamonha, cus-cus de milho ,
manouè , bijú , sequilho ,
biscoutinhos de araruta ,
tarécós , baba-de-moça ,
e , mil doces que na roça
se fazem de toda a fructa.

No terreiro da fazenda
preparava-se a fogueira ,
e o mastro todo enfeitado
de folhagens de mangueira ;
e dentre as folhas escuras
sahiam fructas maduras ,
como é o costume geral ,
e uma boneca vistosa
de vestido côr de rosa ,
fazia o tópe final.

No campo desde a porteira
de verde murta vestida,
duas linhas de coqueiros
vem a porta da saída.
De um lado a outro correndo,
dirigindo ou desfazendo
o que não estava direito,
andava o rei dos festeiros
o nosso velho Medeiros
sempre alegre e satisfeito.

α — Vamos com isso, rapazes,
α que temos mais que fazer
α e d'aqui por uma hora
α ninguem se póde mecher.
α Joaquina e Manuela,
α vocês vão lá p'ra capella
α capinar ali na frente.
α Olá, moleque, ó vadio !
α chega ali embaixo no rio,
α vê se vem alguma gente.

α Vicente, traze as bandeiras,
α vai tú com elle, Francisco ;
α Manuel, varre p'ra um canto
α e apanha depois o cisco.
α Não quero vêr uma palha!...
α veja depois como espalha

« essas folhas de mangueira!...
« O' Job, pergunta á sinhá
« se já tem café por lá,
« que mande aqui na porteira. »

VIII

Se eu soubesse descriptiva
dava aqui em perspectiva
a fazenda toda inteira !
tomava tinta e pincel
e sobre plano-painel
transportava... mas é asneira...

Eu não pesco nem pitada
dessa insulsa trapallada,
de linhas, pontos e traços ;
mas também não me entristeço,
é sciencia que aborreço,
cansa a cabeça e os braços.

E na falta de sciencia,
eu peço condescendencia
p'ra o traçado que vou dar ;
é obra de um curioso...
meu leitor, sei que és bondoso,
não o queiras censurar.

IX

O todo se emmoldura em matto virgem ;
arbustos mil em flôr dão-lhe a fragancia ,
e o fundo do painel é verde-escuro
da côr de um cafesal visto á distancia.

Por entre as pedras soltas de seu leito,
o rio serpenteia murmurando.
De um lado a horta, o engenho, alguns pomares,
do outro, os animaes que estão pastando.

Aqui o mandiocal n'um morro enorme,
naquelles á direita , é o cafesal ;
ha uma socca de arroz junto do brejo
e da cerca p'ra lá, o cannavial.

No centro, n'uma dobra do terreno,
a casa que é voltada p'ra o nascente ;
precede-lhe o jardim , primor de gosto
que a abraça pela esquerda e pela frente.

Ao fundo em duas ruas parallelas
a casa da farinha, a do feitor,
paiões, estrebarias e senzallas,
o tanque, o gallinheiro, e corador.

Olhando p'ra direita vê-se a escada
que tem de cada lado uma mangueira,
o campo e o caminho em linha recta,
que da casa vae parar junto á porteira.

Concebe o quadro lá como pudeses !
eu dou-te aqui apenas um bosquejo,
querel-o completar fôra loucura,
se bem que fosse grande o meu desejo.

Lá chega o rancho enorme e folgasão
que vem p'ra festejar o S. João.

De quatro leguas em roda,
toda aquella visinhança
veio assistir á festança
da noite de S. João.
O povo da freguezia
quazi todo nesse dia,
ia como em romaria
pandegar por devoção.

Como é uso admittido,
a pessôa convidada
leva roupa preparada
para quatro ou cinco dias!...

lá na roça a moda é esta;
qualquer pagode, não presta
sem a semana de festa,
de intermináveis folias!

Subindo e descendo morros,
n'um carro por bois puchado,
n'um tunel improvisado
de arcos e de uma esteira,
de uma fazenda visinha
a passo lento caminha
a familia que se aninha
n'essa amavel capoeira.

Atraz os negros da casa
vão carregando os bahús,
sem camisa, quazi nús,
e alagados de suor;
ao lado caminha a passo,
n'um lindo macho picaço,
o fazendeiro ricaço
que vae morto de calor.

Os filhos vão a cavallo.
Na frente caminha o pagem,
que sem esse personagem
na roça não se é ninguém!

É um negro de confiança
em quem o Senhor descança,
que exerce desde criança
o cargo honroso que tem.

Usa jaqueta de vivos,
chapeo baixo de oleado,
topete bem penteado,
canos de bota e chilenas ;
é o mensageiro de amores
dos filhos de seus senhores ;
leva cartinhas e flores
para entregar ás pequenas.

O pagem da roça é um typo
de serio e acurado estudo,
sabe um bocado de tudo
quanto se deve saber.
É ferrador, é selleiro,
carapina e corrieiro,
é peão e no terreiro
requebra um fado a valer.

Aqui um rancho de moças
vae a pé, moram tão pertol...
são duas leguas, é certo,
mas diz-se na roça : — é ali.

E por toda aquella estrada
vê-se gente a pé, montada,
e outra que já cançada
bebe á sombra paraty.

.....
.....
.....

X

Terminou-se o jantar, é noite escura;
com fachos de sapê ligeiros correm
os moços dando vivas.
Accende-se a fogueira e em torno a ella
vão sentar-se alegres, descuidosos,
os grupos de convivas.

Aqui tomam garapa em lisas cuias,
os velhos, que disputam seriamente
ácerca de eleições,
ou fallam do café que está sem preço,
nos gastos da lavoura e poucos lucros
de suas transacções.

Ali as moças todas reunidas
dissertam sobre amor e namorados
com tal proficiencia,

como um lente, jubilado na materia,
derramando em qualquer academia
a luz da experiencia.

Não longe os rapazes formam grupos:
uns são republicanos exaltados
e outros monarchistas;
e outros sem partido, olhando as moças,
a morrer de amor por ellas, contam rindo
amores e conquistas.

É tudo animação, prazer e vida...
aqui um bello dito, ali vozes confusas,
gostasas gargalhadas;
estouram buscapées, rebentam bombas,
foguetes e balões erguem-se aos ares
no meio de apupadas.

XI

α — Qual, compadre, desta feita
α parece que os liberaes
α não sobem, não, mas é o mesmo...
α que me diz, Sr. Moraes?

α — Eu não sei, mas desconfio
α que os homens não fazem nada;
α pelo menos lá na villa
α é tudo chapa cerrada.

« — Aposto cem contra dez,
« com quem quizer apostar,
« em como os conservadores
« não de ceder o logar.

« E o Brazil vae á garra
« se os liberaes não subirem ;
« que projectos, quanta cousa
« se perde, se elles cahirem !

« Estradas e mais estradas,
« navegação pelos rios ;
« não de fazer o diabo
« porque empenharam seos brios.

« — Ora adeus, em quanto a brios
« os outros tambem os tem ;
« e ninguem lhes passa a perna,
« porque fallam muito bem.

XII

« O' Gringo, salta a fogueira !
« ó Guillon, pula tambem !
« assim, Norberto ! um, dois, trez...
« sim, senhor, foi muito bem !

« *Seu Zé Carlos, largue a moça !*
« não seja namorador !
« já temos nova conquista ?
« vem p'ra aqui, ó seductor.

« O Octavio lá está n'um canto
« a scismar *encalistrado* !
« que tem elle ? — Ora o que tem !
« anda muito apaixonado.

« Dizem que elle foi a um samba
« e de lá veio cahido...
« mas espera, olha o Zamith
« como está todo lambido !

« E o Licurgo ? oh que maroto !
« desde que elle se casou
« está com ar de homem serio,
« ficou bonito, engordou !...

« Tira os carás do rescaldo,
« moleque, tráz o melado !
« oh ladrão, anda ligeiro...
« este sim, está bem assado

« É só da tropa fandanga !
« ninguem mais aqui se metta !
« Ezequiel, tu não comes ?
« estás forjando alguma pèta ?

XIII

« — Pois creia, sinhá Chica, foi olhado
« botado na pequena com certeza ;
« Candóca esteve assim, mas foi resal-a
« a sogra do Manduca, a nhã Thereza.

« Foi lá trez sextas-feiras, em seguida
« benzeu e deu-lhe uns *póses* p'ra tomar ;
« e hoje, benza-a Deus, está que é um gosto !
« só vendo é que se pode acreditar !

« — Pois olhe, p'ra fallar minha verdade,
« já tinha me *alemrado* ser feitiço...
« não podia senão ser cousa feita...
« pelos modos que é, só se foi isso.

« A merina tem uns flatos pelas costas,
« e anda jururú que mette pena !
« coitada ! tem tomado mil mesinhas
« e nada de arribar ; pobre pequena !

« — Quem sabe, diz a tia Marcolina,
« que entende destas cousas como gente,
« quem sabe se a espinhela tem caida ??
« se for isso, ponho-a boa de repente.

« A lua agora é nova... pouco importa,
« na sexta-feira cedo mande-a lá,
« que com favor de Deus tenho esperança
« que volta sã e salva para cá. »

XIV

Eu não sei porque é que em toda a festa
se encontra sempre um bôbo, um toleirão,
dizendo muita asneira e se inculcando
rapaz de muita graça e sabichão !
>

A' festa de Medeiros foi um typo,
a quem debalde eu busco descrever ;
deixára a côrte onde era um *petit-maitre*
e á roça foi levar todo o saber.

Fallava sempre em termos empollados,
mirava-se ao espelho a cada instante ;
usava citações em qualquer lingua,
e tinha o ar altivo do pedante.

Frisada a cabelleira e com pastinhas...
gravata verde-mar, o fraque azul,
as luvas côr de cinza, a calça branca,
sapatos de verniz ; eis meu taful.

Desceu para o terreiro, olhou em torno
buscando achar um pobre a quem massar,
e eil-o dentro em breve n'uma roda,
com todo o seu furor a disputar.

« — Perdão, dizia o typo entusiasmado :
« eu sou republicano, e como tal
« êxijo a liberdade a mais completa,
« quer na ordem civil, quer na moral.

« A lei é um empecilho á liberdade,
« o que a dicta ou a impõe é um vil tyranno
« os povos não precisam de governo,
« o exemplo está no povo americano !

« *To be or not to be*, eis como eu penso ;
« abaixo a realeza e o seu prestígio ;
« o rei a quem o mundo hoje se curva
« escreve — Liberdade — em gorro phrigio! »

Fallou e disse asneiras muito tempo
até que ficou só, sem mais ninguem !
« — Camellos ! disse elle em tom baixinho,
« nem sabem de que ponto a luz lhes vem ! »

Mas vendo ao longe a bella Margarida,
exclama o nosso heróe : « — Oh ! *c'est charmant !*
« *Mignone*, vaes ser minha, assim t'o juro...
« e agora ella está só ! *c'est bien l'instant* .

E assim dizendo applica o *pince-nez*
e vae sentar-se ao lado da menina.

XV

« Desculpe vossa excellencia,
« mas eu creio que já a vi !
« — Póde ser, responde a moça,
« quasi sempre eu venho aqui... »
« — Não foi aqui, foi ha um anno...
« na côrte, se não me engano ,
« n'um baile que eu a encontrei...
« — Oh ! gentes ! está enganado,
« se perguntar p'ra que lado
« a côrte fica, não sei ! »

« — Era então o seu retrato
divinamente imitado...
os mesmos olhos divinos!
o mesmo rosto adorado!...
« — Oh! senhor, parece incrível!
« deveras será possível
« tão pasmosa semelhança?!
« — Oh! natura eterna e infinda!
« nunca vi mulher tão linda!...
« — Eu sou linda? que esperança!

« — Então não vio Guanabara
« da metrop'le no regaço,
« sonhando loucos edyllios
« co'os olhos fitos no espaço?!
« — Não senhor! se eu não conheço!... »
« — Escuta, diva, eu te peço:
« sou talvez um sonhador...
« — Oh! moço, mal comparando,
« quando o senhor está fallando
« parece-me um pregador! »

« — Serei tudo, ó casta diva,
« innocente Julieta!
« tu'alma exhala o perfume
« da modesta violeta!...
« — Ué! que moço engraçado!
« já deu-me o nome trocado...

« eu me chamo Margarida.
« — Margarida? Oh! doce encanto!
« teu nome tão puro e santo
« guardarei além da vida!

« Escuta, sylpho do empirio,
« dos ceus aerea visão,
« não sentes do amor as lavas
« que arroja o meu coração?
« partamos, além na selva
« sobre um tapete de relva,
« pousemos o floreo ninho!
« partamos, a noite é densa...
« — O' moço, eu peço licença,
« eu vou fallar com dindinho!

« — *Comment celi!* não me deixes
« com tua ausencia obumbrado!
« queres tu que um cenotaphio
« erga a um amor desgraçado?
« — Oh! *seu* aquelle, me deixa!
« senão eu vou fazer queixa
« a meu pai, largue meu braço!..
« — Não partas, anjo bemdito...
« — Eu sou grossa p'ra palito...
« — Ao menos dá-me um abraço!... »

XVI

Tal como ao terminar-se da espoleta
o mixto que de um jacto a carga inflamma,
e no rouco trôar detona a bomba
cuspindo os estilhaços, fumo e chamma,

assim do meu leão, na face núa,
por mão callosa e firme manejada,
a bomba do ciume arrebentara
e com ella uma tremenda bofetada !

Zumbiram-lhe aos ouvidos mil besouros,
myriades de estrellas viu então ;
sahiram-lhe faiscas pelos olhos,
perdera o equilibrio, e... foi ao chão !

De pé, em frente a elle estava um homem,
raivoso como tigre ollhando a preza ;
nos olhos faiscava-lhe o ciume,
nos labios um sorrir de atroz dureza !

É Pedro, que no seu amor selvagem
não póde reflectir, sabe vingar ;
feriam-lhe de morte as crenças d'alma,
e o tigre que é ferido quer matar.

XVII

« — Pedro ! Pedro ! então que é isto ?!
« valha-me Nossa Senhora !
« — Margarida, vae-te embora,
« tu não me queiras perder !
« — Pelo que tens mais sagrado,
« deixa esse moço, coitado !
« que mais lhe queres fazer ?!...

« — Quero mostrar a um patife
« como se falla a uma moça ;
« elles pensam que na roça
« é como lá na cidade ?!
« Estão enganados comigo !... »
E com o joelho no umbigo
dava-lhe sôcco á vontade !

« — Soccorro ! gritava a moça
« quazi louca de terror ;
« meu pai, accuda o senhor,
« porque elles se vão matar !...
« meu Pedro, não sejas louco,
« olha, escuta, espera um pouco ;
« meu Deus ! quem ha-de apartar ?

« — Sahe-te d'aqui co'os diabos !
« não me atoimente a cabeça,
« puche já, não me aborreça...
« você pensa que me embaça ?
« É tambem teu namorado?
« ha de amargar um bocado,
« hei de tirar-lhe a fumaça...

« — Repare que é minha filha ;
« escutou, *seu* malcriado ?
« sou velho, estou alquebrado,
« mas ninguem me offende em vão !
« sei tolerar n'essa idade
« loucuras da mocidade ;
« mas insultal-a, isso não !

« Margarida é muito honesta !
« não é lá quem você pensa !...
« acho bom que se convença
« que ella tem alguem por si !
« Vem-te embora, minha filha,
« o homem, que assim te humilha,
« é mais que indigno de ti. »

XVIII

Chegara enfim Medeiros e á contenda,
poz termo com palavras convincentes;
do chão suspende o pobre Lovelace,
separa os dois mancebos imprudentes.

— Levando pelo braço o *seu* Juquinha,
com elle vae p'r'a sala de jantar
e pôde ver á luz, banhado em sangue,
o triste *petit-maitre* a soluçar!

O rosto lhe lavaram com cachaça,
ficando para todos bem patente,
que os beiços, o nariz e o olho esquerdo,
mais gordos lhe ficaram de repente.

Depois tinha cansaço, foi p'ra um quarto
que dava uma janella p'ra o jardim,
despio-se, tomou banho, foi deitar-se...
dormio? não sei dizer, creio que sim.

A festa terminou neste incidente
e cada um tratou de se ir deitar:
a lua ia bem alta além no ceu,
e o gallo amiudava o seu cantar.

XIX

Dona Olympia ouve um gemido
partir de seus aposentos ;
chegou-se á porta de manso
prestando ouvidos attentos...

Era a pobre Margarida
que entre soluços sem fim,
co'o rosto nas mãos occulto,
chorava dizendo assim:

XX

« Pelas chagas de teu filho,
« pelas dôres que soffreu,
« pelo pranto que verteste
« quando na cruz te morreu,
« valei-me, Nossa Senhora,
« nesta dôr que sinto agora!

« Inda a pouco era ditosa,
« tinha amor, tinha esperança,
« de um momento de tristeza
« não tenho a menor lembrança!
« eu sorria ao ver-me assim ;
« meu sorrir já teve fim...

« De tudo quanto já tive
« que mais me resta? mais nada!
« quiz provar-lhe o meu affecto
« e fui vilmente insultada!
« Ai, Pedro! que me mataste
« quando assim me injuriaste!

« Agora que mais espero?
« que esp'rança mais posso ter?
« venha a morte e venha breve,
« que sou feliz se morrer!
« Que Deus lhe pague em prazer
« o quanto me fez soffrer. »

XXI

Dona Olympia entreabrio de manso a porta.
e sem bulha chegou-se junto a ella,
tomou-lhe as mãos nas suas, vio-lhe o pranto,
beijou a meiga face da donzella...

XXII

« — Que é isto, minha louquinha?
« quem é que falla em morrer?!
« viste um espinho na vida
« e já te cança o viver!
« Nas tuas suppostas dôres

« só recordas-te os amores,
« mas esqueceste teu pai !...
« Margarida, és muito ingrata !...
« queres mata-lo ?... pois mata !
« vae pedir a morte, vae !

« Ao pobre e cançado velho
« que vive do teu carinho,
« em vez de beijos e abraços,
« crava-lhe n'alma um espinho !
« Arrufos de um namorado
« valem mais que um velho honrado ?!
« Pensas bem, minha afilhada !..
« vaes morrer ? não te demores !
« mas o que é isto ? não chores !
« que vale um pai ?... quasi nada !

« — Misericordia, madrinha !
« não falle assim que enlouqueço !
« meu Deus ! qual foi o meu crime
« que tal castigo mereço ?!
« — Teu crime é não ter juizo....
« e sabes o que é preciso ?
« é : pedir a Deus perdão.
« Limpa esses olhos, menina !
« a gente assim se amofina ;
« tu choras sem ter rasão !

« — Mas elle está mal commigo
« e meu pai nem o quer ver !
« — Cala a boca, te prometto
« que tudo se ha-de fazer.
« Socega, filha: descança,
« se ainda tens confiança
« na tua velha madrinha !
« Amanhã em santa paz
« tudo se arranja e se faz ;
« vae dormir, minha louquinha !

XXIII

Margarida radiante da alegria
que sentia renascer no coração,
abraçava com transporte aquella amiga
e cobria de mil beijos sua mão.



CANTO SEGUNDO

I

Oh tu quem quer que sejas, meu leitor,
attende ao que te digo : a ti o auctor
começa por te dar os parabens
da somma de pachorra que tu tens,
se leste esse arremedo de poesia
sem arte, sal, perfumes e harmonia,
que p'ra ahi rabisquei sem tom nem som.
Já vejo que és rapaz prudente e bom...
desculpa o tratamento... as etiquetas
exigem luva branca e roupas pretas ;
mas isto é muito bom p'ra deputados,
que vivem simplesmente de apoiados
e gastam excellencia a tres por dois...
coitados! são mal pagos... e depois
sujeitos a caprichos de ministros....
ás vezes trazem rostos tão sinistros,
que chego a ter de véras compaixão...

Mas dizem que são filhos da eleição!
a culpa é então da mãe que os deu á luz,
que tinha atraz da porta aquella cruz,
envolta n'um programma e mil projectos
p'ra os hombros dos filhotes mais dilectos!...
Sê franco, meu leitor, se estou massando,
arrólho a discussão e vou tratando
do resto d'esta historia que encetei...
Palavra, que não sei onde fiquei...
Mas... eu te escrevo em mangas de camisa;
não olhes p'ra o meu trage... quem precisa
pendura com cuidado o paletot,
depois de sacudir-lhe bem o pó,
e fica assim á fresca muito bem.
Quem poupa, meu amigo, sempre tem!
não achas que é verdade, ó maganão?
pois folgo com a tua opinião.
As cousas andam más, tudo está caro!
o cobre, santo Deus! anda tão raro!...
ao menos lá por casa é uma desgraça!
por mais que se trabalhe ou que se faça,
por mais que se amofine uma pessoa,
vem sempre a dar na mesma, é sempre á tóa.
Fallemos n'outra cousa, as digressões
arredam sempre o flo ás discussões.
Entremos na materia francamente,
vejamos o que é feito desta gente.

II

O dia amanheceu bastante frio.
No chão, sobre os sofás e nas cadeiras
dormiam somno solto os convidados,
em duzias de colchões e mil esteiras.

O nosso fazendeiro acordou cedo,
e poz as cosinheiras logo em pé ;
sentou-se na varanda lendo as folhas
á espera que trouxessem-lhe o café.

III

« — Ora bom dia, *seu* Pedro !
« — Bom dia, Sr. Medeiros !
« — Ainda o fazia dormindo
« e vejo que é dos primeiros!...

« Então estranhou a cama?
« passou mal, não é verdade?
« — Não, senhor! pelo contrario,
« perfeitamente á vontade.

α — Li agora na *Gazeta*
α um facto bem curioso!
α um sujeito, um estrangeiro...
α mas que homem ardiloso!

α Engole uma espada inteira!
α que barriga! Ave Maria!
α — Mas é serio? — Oh! se o não fosse
α a folha não o diria...

α O que é isto?! onde se atira
α já de esporas? onde vai?!
α — Vou... eu ia até lá embaixo...
α — Não, senhor, hoje, não sahe.

α — Mas escute, *seu* Medeiros...
α — Não escuto, não senhor;
α já queria pôr-se ao fresco?
α enganou-se, meu amor!

α O' homem, 'stou te estranhando!
α vccê que é tão pagodeiro!
α — Eu ia vêr se lá embaixo
α recebia hoje dinheiro...

« — Qual dinheiro, qual historia !
« eu bem sei o que isto é !...
« Sabes que mais, pucha um banco
« e vamos tomar café.

« — Já que de todo é preciso
« vou lhe fallar francamente...
« — Pois desembucha, rapaz,
« fallando se entende a gente.

IV

« — O senhor bem me conhece...
« não sou homem de questões,
« nem ando brigando á tóa
« por qualquer duas razões;
« mas hontem foi desaforo !
« o sujeito de namoro
« co'a minha noiva, e eu ali !
« isto não é fazer pouco ?...
« parti cégo como um louco...
« nem sei bem o que senti...

« Eu vinha de orelha em pé
« ouvindo o palavreado !
« não sei o que... de epitaphios...

« e d'ahi por um bocado,
« agarrou-lhe por um braço
« e quiz lhe dar um abraço,
« no momento em que cheguei !
« fiquei damnado da vida !
« e co'a cabeça perdida,
« por milagre o não matei!...

« Depois... não ouvi mais nada...
« todo este povo a gritar...
« ouvi o senhor fallando,
« quando nos veio apartar...
« mas estou incommodado
« do negocio se ter dado
« n'uma casa que eu respeito..
« em outro qualquer logar,
« não me importava brigar
« até um ficar desfeito!...

« — Tudo isso nada vale !
« não penses nisto, rapaz...
« são cousas que a gente moça
« mais ou menos sempre faz.
« — Não, senhor, eu bem conheço
« que isto é máu; mas o que peço
« é que queira perdoar...
« ás vezes lá vem um dia...
« e a gente está de *arrelia*,
« não se póde dominar...

α — Vamos fallar de outra cousa,
α isto é pura criançada...
α que fizeste á Margarida ?!
α — Quando? — Hontem! — Não fiz nada!
α — Pois olha, metteu-me pena
α vêr a pobre da pequena
α chorando, não sei porque...
α — Ella chorou? mas que tinha?
α — Não sei, fallou co'a madrinha
α e a respeito de você.

α — A meu respeito?! e que disse?!
α — Como já estavas zangado,
α disseste-lhe alguma cousa...
α e te excedeste um bocado...
α — Eu, meu Deus?! ainda mais esta!
α vejam só que boa festa!
α que S. João tenho eu!...
α e tudo, veja o senhor,
α por causa desse impostor,
α desse barbas de judeu!

α É uma nuvem passageira...
α não te dê isso cuidado;
α vocês fazem logo as pazes
α e está o negocio acabado.
α Falla tambem co'o Simão...
α o velhote tem razão

« de estar massado contigo...
« foste offender ao coitado,
« que ficou bem magoado;
« mas o velho é teu amigo. »

V

Vinha chegando alguém e esta conversa
ficou neste logar interrompida ;
vão pouco a pouco erguendo-se as visitas,
renova-se o prazer, renasce a vida.

Estava tudo em pé; porém o Juca ?
estava ainda no quarto, ainda dormia?
« — O', senhor ! vão acordal-o, já é tarde
« e basta de dormir: é meio dia. »

A mesa estava posta, e o fazendeiro,
que o não vira des que o dia amanheceu,
abre a porta e só encontra sobre a mesa
uma carta p'ra si, que abriu e leu :

« *Meu caro Sr. Medeiros:*
« *vou p'ra côrte no trem mixto*
« *que sahe d'aquí a uma hora.*
« *Desculpe, se fuço isto*
« *sem lhe ter agradecido*
« *o seu bom acolhimento;*
« *mas pôde estar convencido*
« *de que no meu coração,*
« *p'ra com vossa senhoria*
« *fica eterna gratidão.*
« *Se fôr à côrte algum dia*
« *contar-lhe-hei como foi*
« *a questão. Não tive a culpa;*
« *o que lhe peço é desculpa*
« *pelo modo desairoso,*
« *porque saio da fazenda.*
« *Vou bem triste e pesaroso*
« *por causa d'essa contenda,*
« *que não julguei provocar.*
« *São horas de me ir embora...*
« *recommende-me á senhora*
« *de quem parto penhorado.*
« *Adeus, aceite um abraço*
« *do seu amigo e criado...*
« *JOSÉ DE SOUZA CABAÇO. »*

VII

Medeiros releu a carta,
dobrou-a, poz na algibeira
e disse com seus botões :
« — Ora ahi tem a brincadeira!

« Um ficou todo mordido !
« o outro — todo esfolado!...
« qualquer dos dois, de juizo
« não tem sequer um bocado!

« Que dois malucos de força !
« valha-me a Virgem e o Christo!
« qual dos dois terá razão?... »
e sahio pensando nisto.

.....
.....
.....
.....

VIII

E os donos da casa empenhados
em fazer a reconciliação
conversavam co'os noivos e o velho,
num cantinho do grande salão.

Houve protestos, desculpas,
suspiros, explicações ;
e afinal lá se entenderam
com muito boas razões...

.....
.....
.....
.....

IX

« — Vamos p'ra mesa, senhores,
« que o almoço está esfriando !
« deixemos as ceremonias !
« cada um vá se sentando.

« Falta aqui um guardanapo...
« Olympia, manda buscar...
« quem quer leitão recheiado
« levante um dedo p'ra o ar.

X

« Senhores, disse o bom Joaquim Medeiros,
(e tudo se callou para escutar)
« eu tenho uma noticia de importancia,
« que quero a todos vós comunicar.

« Ali minha afilhada Margarida,
« se bem que me escondesse agora o rosto,
« vae com Pedro, o patusco, felizardo !
« casar-se p'ra meado ou fins de agosto.

« E como eu sou padrinho do casorio,
« que ha de effectuar-se na fazenda,
« convido a todos vós para assistirdes
« ao nó que não tem pontas, nem se emenda.

« E aqui o seu vigário, que é de casa,
« aprrompta a papellada n'um momento,
« e ha de me amarrar estes pombinhos
« benzendo-lhes os anneis do casamento.

« Bebamos, pois, dos noivos á saude !
« Senhores, a saude é feita em pé !
« Hurrah ! ip ! ip ! hurrah ! vivam os noivos !
« a coisa é de virar, ip ! bangué ! »

XI

Simão ergueu-se a custo, e commovido
fallou desta maneira aos assistentes :

« — Senhores, quando a alegria
« nos afoga o coração,
« não ha palavras que a digam,
« falta-nos toda a expressão !

« Choramos quando soffremos,
« quando gosamos, sorrimos,
« mas o riso não exprime
« o que n'alma nós sentimos.

« Assim 'stou eu; bem quizera
« dizer-vos neste momento
« tudo, tudo quanto sinto,
« qual é o meu contentamento,

« mas não posso, porque é tanta
« a minha felicidade,
« que mais me parece um sonho,
« que pura realidade!

« E sabeis a quem a devo?
« a quem posso agradecer?
« quem é que em duas palavras
« me embriaga de prazer !!

« É aqui a mãe dos pobres
« e o meu compadre Medeiros!
« este grande coração!
« a nata dos fazendeiros!

« Á saude, pois, d'aquelles
« que não tem ostentação,
« quando afogam na alegria
« um mirrado coração! »

E todos gritavam co'os copos erguidos
dos donos da casa, bebendo á saude :
« Que Deus lhes dê vida, que Deus os conserve
« p'ra auxilio dos pobres, p'ra amparo á virtude. »

.....
.....
.....
.....

Passados oito dias de prazer,
oito dias de festa e de alegria,
vão indo pouco a pouco os convidados
saudosos, p'ra o lidar de cada dia.



CANTO TERCEIRO

I

Os peralvilhos da côrte,
ou cidades principaes,
todos querem ser poetas,
todos fazem madrigaes
quando estão apaixonados.
Em versos estropiados,
alguns que tem legoa e tanto,
a pobre da musa súa,
suspirando á luz da lua
em cada suspiro um canto !

Aquelles que nem a tiro
se lhes abre a cachimonia,
assignam versos roubados
com toda a sem cerimonia!
Não fazem questão de auctor..
querem provar seu amor

á deidade que os inspira ?
lá vão direitos á estante,
e d'ali por um instante
geme e canta a alheia lyra.

São estes os commodistas
e os que tem mais razão...
p'ra que quebrar-se a cabeça
se ha versos em profusão !
é obra feita, é verdade :
mas escolhe-se á vontade
onde ha tanto p'ra escolher...
lá vai a amostra do panno
que um typo fez por engano,
por não ter tempo a perder :

II

Oh ! virgem pura de meus sonhos lindos,
lyrio mimoso dos jardins dos céus !
escuta o bardo descantando amores
louco, inspirado nesses olhos teus !

Escuta as notas que desprende a lyra
embevecida neste amor sublime ;
nestes accordes, muito embora rudes,
só a verdade o meu cantar exprime.

Tú és a fonte inexaurível, pura,
onde a minh'alma vae a fé beber,
symbolo da crença, de esperanças fôco,
livro sagrado que me ensina a crêr.

Tú és a gota matinal do orvalho
na rubra pet'la de uma fiôr louçã,
limpido espelho de virtude e graça,
estrella d'alva em festival manhã.

Tenra avesinha que em gorgeios ternos
a Deus envia o suspiroso canto,
visão etherea do sonhar do bardo,
miragem bella de sublime encanto.

Tú és a lympha, que em ramaes de prata,
borda a campina marchetada em flôres,
iris formoso da bonança emblema,
casto sacrario de gentis amores.

És tudo, tudo quanto é grande e santo,
astro fulgente de brilhante luz!
Anjo da Guarda que atravez d'espinhos
meus tibios passos ao porvir conduz.

III

Na roça não se usa disto,
quem faz cerco a um coração
improvisa as suas quadras
com a viola na mão.

E na prima e na segunda
faz um tal repenicado,
que a pequena fica tonta
quebrando o sapateado.

.....
.....
.....
.....

Quem procura a paz do espirito,
quem busca a felicidade,
ha de encontral-a na roça,
raras vezes na cidade.

Ali a vida é mais calma ;
a mudez da solidão,
é como um balsamo santo
às dores do coração.

A doce tranquillidade,
que se desfructa no lar,
illumina aquellas almas
de uma luz crepuscular.

Na festa ha mais alegria...
ha no trato amenidade ;
o homem da roça é o typo
da honra e da honestidade.

Se acaso lhes bate á porta
um estranho, um forasteiro,
tem agasalho e amizade
desse povo hospitaleiro.

Sob uma crosta grosseira
se encontra a sinceridade,
e mais que ninguem conhece
as leis da hospitalidade.

Mas se lhes offendem os brios
sabem affrontas vingar,
que o homem rude do campo
não póde insultos tragar.

IV

Chegara em fim o dia suspirado
daquellas duas almas, que se amavam:
em breve vão-se unir p'ra todo o sempre
no laço por que a tanto suspiravam !

Nos meigos olhos della ha mil affectos...
as faces se lhe tingem de rubor,
e os labios entreabertos côr de rosa
parecem repetir:—ventura, amor !

No rosto do mancebo ha um que de vago
e certa commoção mal disfarçada !
é que é tal a ventura que o espera
que duvida vel-a emfim realisada !

V

« — Escuta, minha afilhada,
« tu hoje vaes te casar...
« é o passo mais delicado
« que uma mulher pôde dar.
« A partir desse momento,

« do nosso procedimento
« depende todo o futuro.
« Escuta toda a verdade,
« se queres a flicidade,
« este caminho é seguro.

« No dia do casamento
« tudo é cheio de illusões !...
« julgamos tocar ao termo
« das nossas aspirações.
« Mezes depois, vamos vendo
« que já vão arrefecendo
« nossos sonhos virginaes ;
« passada a illusão primeira,
« a mulher é a companheira,
« uma amiga, e nada mais.

« Então é preciso emprego
« de toda a nossa prudencia,
« e ter p'ra com o marido
« a maior condescendencia.
« Se chega em casa cansado,
« dar-lhe carinhos e agrado,
« não perguntar de onde vem ;
« elle mesmo irá dizendo
« o que andou por lá fazendo,
« ou se esteve com alguem.

« Nunca sejas ciumenta,
« nem lh'o dês a conhecer !
« o ciume, além de inutil,
« nos envenena o viver.
« Sê sempre condescendente...
« não te mostres exigente
« nem lhe peças sacrificios:
« um pedido caprichoso,
« para um marido extremoso,
« é um dos grandes supplicios.

« Sempre affavel, carinhosa,
« sempre modesta e asseiada...
« eis aqui como procede
« a mulher bem educada.
« Algumas, infelizmente,
« ignoram completamente
« estas verdades, e então
« dizem que são desgraçadas ;
« mas são ellas as culpadas,
« é falta de educação.

« Quando em casa não encontram
« meiguices, consolações,
« os maridos se aborrecem,
« vão procurar distracções...
« e uma vez encetado

« esse trilho tão errado,
« é um martyrio esse viver !
« Deus te livre, Margarida !
« a ter semelhante vida,
« melhor te fôra morrer !

« Eis aqui os meus conselhos
« que sempre tenho seguido ;
« e de cumpril-os á risca
« não me tenho arrependido.
« Desde criança a meu lado,
« has de ter observado
« como trato teu padrinho ;
« e tenho sido estimada...
« se queres ser adorada
« faze o mesmo ao teu Pedrinho. »

VI

Adornada a capricho p'ra este dia,
da fazenda a pequena capellinha
estava que era um mimo de bom gosto,
tão faceira ! tão bém arranjadinha !

Sanefas de setim verde e amarello,
nas paredes damasco alaranjado,
alampadas de prata, quatro lustres,
e um soberbo tapete avelludado.

O todo era singelo, doce e grave,
incitava não sei que ao coração!
noss'alma sem querer a Deus se erguia
nesse encanto mental de uma oração.

Lá fóra repicava alegre o sino...
festões, arcos e flôres no terreiro,
convidados, amigos e parentes,
e sempre satisfeito o fazendeiro.

VII

São horas, tudo está prompto ;
todos seguem p'ra capella.
Na frente caminha ella
pelo braço da madrinha ;
logo atraz Pedro, Simão,
Medeiros, uma sobrinha
do vigario, e a multidão
que caminha alegremente
em ruidosa confusão.

Era um quadro interessante
de belleza original
o que eu vi naquelle instante:
cabeças brancas de neve,
rostos graves enrugados
pendidos p'ra sepultura,
á par de frontes divinas,
de olhos meigos namorados
derramando mocidade !
Oh ! como é bella essa idade
em que tudo é só prazer !
em que a existencia é um sorriso,
em que o amor é um paraiso,
em que o sonhar é viver !
O grupo entrou na capella
ajoelhou-se, benzeu-se,
resou e depois ergueu-se
e cochichava em segredo ;
mas callou-se de repente
quando o padre appareceu.
Margarida estremeceu
e disse machinalmente:
« Agora vou ser feliz. »

.....
.....
.....
.....

Estava emfim realizado
aquelle sonho dourado
de su'alma casta e pura !
a embriaguez da ventura
tornava-a mais que divina !
aquellas faces rosadas
levemente afogueadas
de prazer e commoção,
traziam-lhe tal encanto,
que eu creio que até um santo
succumbia á tentação !

Era finda a cerimonia.
Pedro, qu'inda não fallara,
por pouco não desmaiara
nos braços do fazendeiro,
fulminado de alegria !
e no sorriso nervoso
que d'alma aos labios lhe vinha,
quem é que não traduzia
o que n'alma o pobre tinha ?

Passados alguns momentos,
já depois dos cumprimentos
de todos que os rodeavam,
sahiram de braços dados

sob uma chuva de flôres
que em cima lhe despejavam
á porfia, os convidados.

Chegados todos á casa,
Simão e Pedro de um lado
á meia voz conversavam.
Dizia o velho alquebrado :
« Nesta filha que te entrego,
« dou-te tudo quanto tenho,
« dou-te os olhos, fico cégo,
« mas risonho e satisfeito...
« eu já estava tão affeito
« aos carinhos que me dava
« que não sei como sem elles
« eu possa agora viver !...
« ella era o sol bemfazejo
« ao qual eu me ia aquecer ;
« porém fico descansado,
« porque em ti achou arrimo...
« eu somente o que lastimo
« é ser velho e não ter nada,
« não p'ra mim que não preciso,
« era por ella, coitada!
« que é um anjo como tu sabes.
« Olha, Pedro, eu só te peço,
« se alguma cousa mereço,
« que trates bem minha filha !
« minha pobre Margarida !

« Ella ha de adoçar-te a vida
 « porque é muito carinhosa,
 « e como foi boa filha
 « deve ser também esposa. »

.....

E em quanto o velho fallava
 da filha por quem vivia,
 dos olhos se lhe escapava
 uma baga que rolava
 e na barba se escondia.

VIII

« — Forma a roda! oh! *seu Casusa*
 « não fuja, vamos brincar;
 « vá decidir na viola
 « para este povo dançar.

« — Qual o que! o *seu Manduca*
 « é *cabra* bom tocador;
 « e eu não vou tirar a espada
 « da mão de um tal jogador.

« — Vamos então ver os dois
« no desafio pegados...
« Forma roda! forma roda!
« quero ouvir esses damnados. »

IX

E enquanto sapateavam,
os dois assim descantavam:

« — Meu senhor, me dê licença
« que eu quero principiar:
« quero botar uma trova
« para quem me faz penar.

« — Póde entrar que o matto é limpo,
« não tem onça, nem queixado,
« tem somente uma morena
« por quem ando apaixonado.

« — Obrigado, companheiro,
« Deus te ajude nos amores;
« mas quem gosta das morenas
« sofre penas, sente dôres.

« — Eu bem sei de quem tu gostas,
« p'ra ella podes cantar;
« é clara, tem olhos pretos,
« olhos que te hão de matar.

« — Na barra do teu vestido
« anda preso um coração,
« menina, minha menina,
« da minha veneração.

« — O sipó do matto virgem
« amarra o jacarandá;
« assim, morena, em teus olhos
« ando eu bem preso já.

« — Fui ao matto cortar lenha
« e encontrei a jurity,
« ella tinha os seus amores
« como os eu tenho por ti.

« — Larangeira é pau d'espinho,
« carangueijo anda na praia,
« tambem andam meus amores
« na renda de tua saia.

« — Os teus olhos são de fogo,
« tua boca é uma roseira,
« menina, minha menina,
« quem te fez tão feiticeira?

« — Cachorro ladra na cerca
« quando vem algum ladrão,
« assim ladra no meu peito
« por te ver meu coração.

« — Menina, minha menina,
« se me não queres matar,
« dá-me um riso pequenino,
« que eu sou bom de contentar.

« — No braço tenho talento,
« tenho prata na goiaca,
« p'ra quem duvidar, comigo
« na cintura trago a faca.

« — Você me botou olhado,
« você mesmo ha-de tirar,
« e eu só posso ficar bom
« quando contigo casar.

« — O' senhor dono da casa,
« mande vir alguma cousa ;
« já está co'a guella secca
« o Manduca Zé de Souza.

« — Sem leitão não ha pagode,
« sem bebida violeiros ;
« o Casusa está com sêde,
« mande vir, Sr. Medeiros. »

X

« — Muito bem, muito bem! gritaram todos,
« qualquer dos dois é um tebas p'ra cantar,
« e dansam que faz gosto e mette inveja
« a quem os vê n'um samba a requebrar.

« — Vocês que tomam? vinho ou paraty ?
« — Eu cá já tomei vinho e não misturo...
« — E dois.—Pois aqui tem, ataquem deste,
« que é bom, é de patente, é vinho puro. »

Depois de beberem voltaram p'ra roda
ao som da viola, tocando e cantando,
e ao longe se ouvia o tinir das chilenas,
e as palmas cadentes dos moços dansando.

XI

A noiva estava com somno....
o noivo.... não sei se o tinha,
mas estava assim com cara
onde logo se advinha....
vontade de se ir deitar.

A madrinha, disfarçando,
para o quarto do noivado
foi com ella, onde ajudou-lhe
a tirar o véo bordado
e a grinalda virginal.

Desapertou-lhe o vestido
e em saia branca a deixou....
baixinho deu-lhe conselhos,
depois a porta cerrou
deixando-a ficar sosinha.

De repente ouviu-se um grito!
era a voz de Margarida,
e um toque de campainhas,
que prolongou-se em seguida,
indicava o quarto della.

Todos correm pressurosos,
perguntam: « Que aconteceu? »
Dona Olympia mais ligeira
do que todos, lá correu, >
fechou a porta, e que viu?!

Viu na cama semeados
carrapichos aos milhões!
alfinetes espetados!
e por baixo dos colchões
campainhas penduradas!

E a pobre da menina
que se foi sentar na beira....
espetou-se não sei onde,
nem como, de que maneira
fez dobrar o carrilhão.

Não pôde dormir na cama !
foi p'ra o quarto da madrinha.
O noivo tremeu com frio,
a noiva ficou sosinha
scismando.... nos carrapichos.

.....
.....

Percebes, meu leitor, que eu não desejo
entrar n'alguns detalhes melindrosos ;
respeito o santuario da familia
e deixo a indagação aos curiosos.

XII

Um anno já se passou
Depois que vi estas scenas,
mas inda tenho saudades
d'aquellas boas pequenas.

Ha tres dias, por acaso,
n'um bond do Pedregulho
encontrei o *seu* Medeiros
que levava um grande embrulho.

« — Como vai ? me disse elle,
« ó homem, não apparece !
« pois olhe, todo o meu povo
« do senhor nunca se esquece.

« Já soube que a Margarida
« teve um filho o mez passado ?
« — Não, senhor ! — Pois é verdade !
« e p'ra o mez é o baptizado !

« Não falte e leve os amigos,
« porque temos brincadeira ;
« vim á côrte só para isto,
« e ando assim desta maneira ! »

E apontou-me o embrulho
que metterá sob o banco,
e nisto o maldito bond
deu um enorme solavanco.

.....
.....
.....
.....

Leitor, se lêste attento estes meus versos,
é que és bom, condescendente e meu amigo.
Has-de ir pagodear lá na fazenda,
eu posso convidar-te : vais comigo.



17

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

SAL 9164.74.100
Scenas de roca;
Widener Library

004983624



3 2044 080 676 521